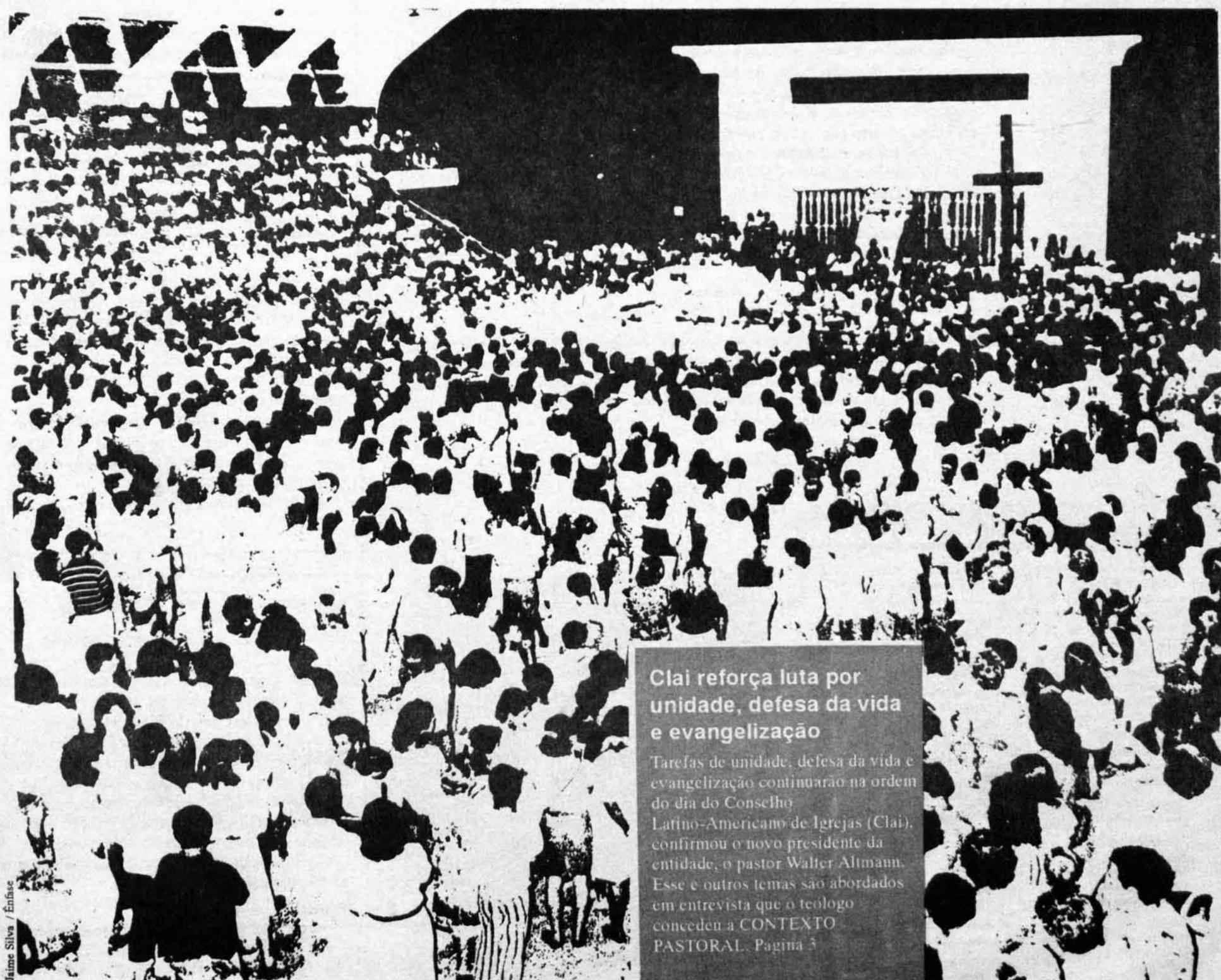


ASCENSÃO E DECLÍNIO DE IGREJAS

Com o fenômeno dos novos movimentos religiosos, vem à tona o tema do crescimento numérico das igrejas. O aspecto não se limita apenas ao pentecostalismo (tradicional e autônomo), mas diz respeito também ao protestantismo histórico e ao catolicismo. CONTEXTO PASTORAL analisa a questão e levanta reflexões sobre o sobe-e-desce das igrejas. Páginas 5 a 8



**Clai reforça luta por
unidade, defesa da vida
e evangelização**

Tarefas de unidade, defesa da vida e evangelização continuarão na ordem do dia do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), confirmou o novo presidente da entidade, o pastor Walter Altmann. Esse e outros temas são abordados em entrevista que o teólogo concedeu a CONTEXTO PASTORAL. Página 5

Editorial

Silêncio de discípulos: grito de pedras

Um dos fenômenos mais marcantes do contexto religioso brasileiro e latino-americano tem sido o surgimento de novos movimentos religiosos. Aproveitando a onda de insegurança, miséria, pauperização crescente e até da falta de referências existenciais — alguns desses aspectos estão intimamente ligados ao neoliberalismo —, esses movimentos encontram terreno fértil para se disseminarem e aumentarem as fileiras de fiéis e comunidades.

Esse talvez seja um dos motivos — mas certamente não o único — da preocupação que a Igreja Católica tem expressado com relação às seitas. Não é à toa que a igreja tem investido vultosos recursos financeiros no projeto de evangelização Lumen 2000 e incentivado a formação de grupos de renovação carismática católica (RCC) e de outros predominantemente leigos.

A crise também está presente nas igrejas do chamado Protestantismo Histórico. Desde a falta de sensibilidade (ou de interesse?) para se criar um projeto de Protestantismo autóctone que corresponesse aos valores e ao ideário da realidade brasileira — ao invés daqueles trazidos pelos missionários norte-americanos e europeus —, até os conflitos internos na busca de espaços de poder entre as diferentes correntes, passando pelo processo de supervvalorização da experiência religiosa de cunho místico, mágico e utilitarista, o quadro delineia o estado de estagnação das igrejas tradicionais.

Enquanto isso, o crescimento no Pentecostalismo (tradicional e autônomo) é avassalador. Pesquisas apontam que a cada dia útil é criada uma nova igreja no Rio de Janeiro. E mais: de 13,3% de evangélicos que compõem a população do País, 9,9% são pentecostais. As Assembléias de Deus, as mais numerosas entre as tradicionais, querem mais: pretendem, até o ano 2000, alcançar a marca de cinqüenta milhões de membros com a campanha "Década da Colheita" — talvez até numa postura preventiva diante do fenômeno do Pentecostalismo Autônomo, cujo principal representante é a Igreja Universal do Reino de Deus.

O crescimento numérico, portanto, está na ordem do dia de todos quantos estudam a questão religiosa no País e se debruçam sobre ela. Neste sentido, CONTEXTO PASTORAL passeia pelo tema, trazendo análises diversas nos campos pentecostal, católico e protestante histórico. Longe de serem conclusivas, elas abordam aspectos significativos que marcam a vida dessas mesmas igrejas.

Durante a III Assembléia Geral do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Concepción, Chile, 25/1-2/2), foi eleito presidente o pastor e teólogo Walter Altmann. Em entrevista a CONTEXTO PASTORAL, ele reforça o empenho da mais importante entidade ecumênica continental em favor da unidade, da defesa da vida e da evangelização. Boa leitura!

CARTAS

Escreva para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.

Aos editores,

Chamou-me a atenção, na edição especial de novembro/dezembro do ano passado, o material sobre a Jornada Ecumênica. Apesar de não estar presente, posso imaginar a riqueza das discussões e debates ali realizados. Desejo que o ecumenismo tenha saído mais forte dessa reunião e que a unidade dos cristãos possa cada vez mais ser sentida na prática.

Saulo Rodrigues
São Bernardo do Campo/SP

Prezados redatores,

Em virtude da falta de materiais informativos e de reflexão que estejam de fato comprometidos com o Reino de Deus, sempre é bom quando posso receber e ler CONTEXTO PASTORAL. Acho que vocês desenvolvem um ministério importante de trazer à tona questões que dizem respeito ao engajamento dos cristãos nas lutas em favor de uma sociedade mais justa. Vão em frente e boa sorte em KOINONIA.

Maria das Graças Silveira
Maceió/AL

Acabei de ler o artigo "A espiritualidade entre liberdade e a gratuidade". Gostei. Acho muito salutar esta busca em reviver as nossas práticas pastorais conduzidas pelo referencial da Teologia da Libertação, sem cair nos braços do referencial carismático. Essa revisão se faz necessária e, nesse processo, a redescoberta da dimensão da gratuidade, tão cara e central à mensagem bíblica e, também, à tradição da Reforma, é uma questão central.

Fraternais saudações.
Haroldo Reimer
Niterói/RJ

Vídeo — Terra Molhada

Uma experiência de reforma agrária

Terra Molhada — uma experiência de reforma agrária conta a história da luta dos trabalhadores rurais do Pólo Sindical do Submédio São Francisco atingidos pela Barragem de Itaparica no Rio São Francisco (Pernambuco—Bahia) que conquistaram o reassentamento em lotes irrigados. Numa produção KOINONIA/Mapa Filmes e roteiro e direção de Zelito Viana, o vídeo destaca a situação dos projetos, mostrando o avanço e as dificuldades de implantação.

Informações e pedidos:
KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro 129, Glória
22211-230 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (021) 224-6713

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça.
Uma publicação conjunta de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP).

Assinatura anual: R\$ 10,00
Assinatura de apoio: R\$ 15,00
Exterior: US\$ 15,00
Número avulso: R\$ 2,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro/RJ.

Publicação bimestral de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço (Rua Santo Amaro, 129 — 22211-230, Rio de Janeiro/RJ. Tel. 021-224-6713 e fax 021-221-3016) e do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais — CEBEP (Rua Rosa de Gusmão, 543 — 13073-120, Campinas/SP. Tel. e fax 0192-41-1459).

Coordenadora da Unidade de Comunicação de KOINONIA
Magali do Nascimento Cunha

Coordenador geral do CEBEP
Luiz Carlos Ramos

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Clóvis Pinto de Castro
Marcos Inhauser
Rafael Soares de Oliveira

Editor
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

Editores assistentes
Beatriz Araujo Martins
Jether Pereira Ramalho

Editora de arte e diagramadora
Anita Slade

Redator
Carlos Cunha

Secretária de redação
Beatriz Araujo Martins

Fotolito e impressão
Tipográfica Comunicação Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 2,00

Assinatura anual
R\$ 10,00

Assinatura de apoio
R\$ 15,00

Exterior
US\$ 15,00

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

‘UNIDADE, EVANGELIZAÇÃO E DEFESA DA VIDA SÃO PRIORIDADES’

ENTREVISTA COM WALTER ALTMANN
Paulo Roberto Salles Garcia

O pastor e teólogo luterano Walter Altmann é o novo presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai). Foi eleito durante a III Assembléia Geral. Nesta entrevista, ele enfoca temas como novos movimentos religiosos, relação com a Igreja Católica, entre outros.

Com a escolha de seu nome para a presidência do Clai, instaura-se um novo tempo nessa entidade ecumônica?

Nessa formulação, eu diria que não. O Clai buscava um sucessor para o bispo metodista Federico Pagura, uma figura profética e carismática, animador incansável da causa ecumônica. Entendo que procurava alguém que, embora diferente, não representasse uma ruptura no propósito ecumônico, no compromisso evangelizador e na solidariedade com as pessoas que sofrem injustiças. Aí deve haver continuidade. Talvez, porém, se pudesse dizer que um novo cenário religioso, cultural, político, econômico e social em nosso continente e também no Clai tenham desembocado na escolha de meu nome. Ou seja: há continuidade e há mudança.

Como se situa o Clai no contexto ecumônico, e qual a contribuição específica que a entidade pode dar?

Não há na América Latina organização ecumônica comparável ao Clai em sua abrangência. O propósito ecumônico de presença e testemunho cristão em meio à realidade latino-americana e caribenha encontrou no Clai um conduto organizacional com o qual um número altamente significativo de igrejas, acompanhadas por organismos ecumênicos, se identifica. Acrecentem-se ainda a cooperação com grupos católicos e o diálogo fraternal com a Igreja Católica. Organismos ecumênicos e grupos cristãos das mais diferentes denominações encontram no Clai também um lugar em que podem exercitar a solidariedade ecumônica para dentro da sociedade latino-americana e caribenha, mesmo além das fronteiras denominacionais.

Quais são hoje as prioridades do movimento ecumônico na América Latina?

A assembléia de Concepción apresentou uma série de prioridades: unidade da Igreja, evangelização, paz e justi-

ça, defesa da vida, com diversos desdobramentos. Refiro-me aqui apenas a um ou outro ponto mais geral. É preciso dar maior atenção às questões referentes às culturas, principalmente em sua rica diversidade neste continente. No plano religioso observamos uma verdadeira explosão de movimentos. Há muito de problemático nesse processo, mas ele também tem contribuído para um espaço inusitado de liberdade religiosa pessoal e para o ressurgimento de identidades religiosas tradicionais, por exemplo, indígenas ou afro que demandam das igrejas um diálogo respeitoso e uma nova reflexão sobre a natureza de sua própria fé cristã, centrada em Jesus Cristo. Há ainda que aprofundarmos a reflexão sobre a relação entre Protestantismo Histórico e Pentecostalismo, até com a busca perseverante de formas de cooperação.

No plano econômico, político e social a atenção deve estar ainda mais intensamente enfocada nos mecanismos de exclusão vigentes na maioria de nossos países. Essa lógica de um sistema perverso fundado numa suposta racionalidade e modernidade deve ser confrontada com uma prática eclesial e com uma reflexão teológica centradas na defesa da vida. Temos, portanto, novos paradigmas para nossas visões e concepções. O caminho passa, sem dúvida, pela reenfatização dos valores éticos e da organização comunitária em seu sentido mais amplo.

Com o crescimento dos novos movimentos religiosos na América Latina e no Caribe, qual deve ser a postura do movimento ecumônico?

Há um bom número de igrejas pentecostais afiliadas ao Clai, embora nenhuma do Brasil — uma das marcas características e promissoras da entidade. É claro, grande parte das igrejas e movimentos “evangélicos” é extremamente crítica ao próprio Clai, considerando-o uma perversão do Evangelho. Inversamente, o Clai não pode, de forma alguma, comungar com práticas indiscriminadamente proselitistas diante das demais igrejas, ou violadoras da identidade cultural das comunidades e das populações deste continente, como freqüentemente ocorre. É igualmente inegável que mais e mais segmentos pentecostais têm dado mostras de se identificarem concretamente com anseios e necessidades das comunidades

latino-americanas e caribenhas, dando uma resposta que as igrejas mais tradicionais têm-se mostrado incapazes de dar. Por isso é importante valorizar a participação plena de igrejas pentecostais no Clai e procurar estreitar contatos com outros grupos pentecostais receptivos à busca da unidade.

KONONIA



tolicismo. Não devemos esquecer que há em nosso continente notáveis exemplos de cooperação ecumônica entre católicos e protestantes.

Que áreas de atuação do Clai devem ser privilegiadas para atender às necessidades de uma prática pastoral voltada aos povos da América Latina e Caribe?

O leque de incumbências é impressionante, nem todas poderão ser atendidas a contento, pelo menos de imediato. Permanecerão na ordem do dia as tarefas de unidade, evangelização e liturgia, defesa da vida, além do esforço por justiça, paz e integridade da criação, pelo cuidado das questões concorrentes à mulher e à família. Conforme mandato da assembléia, maior atenção será dada à juventude. Algo semelhante vale para o empreendimento teológico contextualizado em face dos novos desafios que uma realidade em transformação impõe. Embora tenha desenvolvido uma “pastoral aborigêne”, o Clai, de outra parte, não tem conseguido ainda dar à questão da identidade afro e dos anseios das comunidades negras a atenção que merece.

Que fazer para “renascer para uma esperança viva”?

Do ponto de vista bíblico-teológico, nada podemos fazer para “renascer”, mas estar abertos para essa realidade do Espírito de Deus. Um sistema econômico que marginaliza e condene à morte tanta gente não se contrapõe apenas a nossos bons propósitos e bem-intencionadas iniciativas, mas ao próprio Espírito de Deus. A partir deste, já não precisamos cair no massacrante realismo que o sistema nos sugere e tenta nos impor, no sentido de que nada pode ser mudado. Devemos, por outro lado, reconhecer que não há no momento um modelo social e econômico alternativo, mas pode ser construído pela organização da cidadania, pela mobilização de segmentos sociais e pelo apoio a iniciativas alternativas centradas nas necessidades das populações.

Direitos das crianças e adolescentes em brinquedo

Apresentar de forma dinâmica e agradável os direitos das crianças e adolescentes. Essa é a proposta da "Caminhada pelos direitos da criança", jogo idealizado pelo Centro Comunitário Casa de Mateus (Mauá/SP). O projeto vem ao encontro de todos os que estão preocupados com a formação de uma consciência de solidariedade e de participação. Os diálogos que podem ocorrer durante e/ou a partir do jogo despertarão a atenção para a realidade brasileira.

O jogo destina-se a crianças maiores de quatro anos, podendo ser usado em família, escola, creche, lares infantis, centros comunitários, etc. Os interessados devem entrar em contato com: Centro Comunitário Casa Mateus — Rua América do Norte, 341, 09351-200, Mauá, SP, tel: 747-3862 ou 415-8255.

Assembléia da CNBB vai discutir participação de leigos

Está marcada para os dias 10-19 de maio a Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que

será realizada em Itaici (SP). O tema que norteará as discussões é "Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja", cujos destaques serão "Jubileu do terceiro milênio cristão" e "Protagonismo dos leigos".

A Assembléia terá ainda caráter eletivo, pois serão escolhidos os novos dirigentes do órgão máximo da Igreja Católica. Há uma corrente conservadora, liderada pelo bispo de Jundiaí, dom Amaury Castanho, que pretende assumir a CNBB. "Acho que chegou o momento de outras linhas serem representadas", afirmou o bispo. (O São Paulo, 23/3/95; FSP, 23/3/95)

AEVB vai discutir ética e violência urbana

"Ética evangélica e violência urbana" é o tema da Segunda Conferência Nacional Anual da Associação Evangélica do Brasil (AEVB), que vai acontecer de 27 a 29 de abril no Hotel Novo Mundo (Rio de Janeiro/RJ). O evento, voltado para líderes evangélicos e todos quantos estejam interessados no tema, pretende abordar a questão da ética e da violência urbana na dimensão da missão da Igreja e identificar e traçar possíveis planos de ação comum da igreja evangélica brasileira. Entre os assessores incluem-se Benedita da Silva,

Ruben César Fernandes, Caio Fábio D'Araújo Filho, Betinho e outros.

Além das palestras e debates, os coordenadores do evento estão organizando visitas à Fábrica de Esperança e ao morro Dona Marta. Maiores informações: AEVB (tels.: 021-717-6017 ou 722-8446).

TV Católica entra no ar em maio

A Rede Viva de Televisão (RVT), que iniciará sua operação comercial no dia 1º de maio e será mais conhecida como TV Católica, está acertando com o governo a concessão de uma repetidora em São Paulo, em substituição à TV Jovem Pan, cuja sede e parte dos equipamentos foram vendidos à TV Record, do bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus.

Lançada para alcançar, inicialmente, seis capitais (São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) e cerca de 100 municípios paulistas, a nova emissora poderá ser captada por antena parabólica em qualquer região do País. Até o fim do ano, a TV Católica chegará ao Rio de Janeiro. A emissora não aceitará anúncios de mulheres nuas, cigarros e bebidas, nem terá filmes que possam ser considerados imorais. (JB, 18/3/95)

Igrejas e entidades ecumênicas brasileiras organizam-se em fórum

Como desdobramento dos contatos e encontros promovidos em 1994 pelo Programa Compartilhamento Ecumênico de Recursos (CER) do Conselho Mundial de Igrejas, foi realizada em São Paulo (27 e 28 de março) a primeira reunião do Fórum de Igrejas e Entidades Ecumênicas Brasileiras, com a participação de 16 representantes desses grupos. O fórum é vinculado ao CER, que tem como objetivo a promoção da cooperação entre todos os integrantes da comunidade ecumênica — igrejas, entidades e movimentos.

Uma das discussões principais do evento foram as relações entre igrejas e entidades

VÍDEO — 1ª JORNADA ECUMÉNICA



A história do ecumenismo no País ganhou novo capítulo com a realização da 1ª Jornada Ecumênica. A memória desse evento evocará muitos novos caminhos e desafios para a vivência das diversas faces do movimento ecumênico em busca da unidade. Este vídeo revive a experiência celebrativa-cúltica, a festa e a poesia, e apresenta os principais temas que foram discutidos nos seis dias de encontro.

Preço: R\$ 28,00
Pedidos e informações:
KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ

ESPAÇO DO LIVRO

Cartas para Deus

Dica de leitura:
"Crianças escrevem para Deus"
Editora Sinodal, 1994
44 páginas

"Eu não gosto de ver meninos de rua. Acho covardia as crianças passarem fome sem ninguém dos grandes para ajudar". Estas palavras, recheadas de contrariedade, partiram de uma criança de oito anos chamada Tiares e estão registradas no livro *Crianças escrevem para Deus*. Este livro contém cartas e desenhos de crianças entre seis e dez anos.

Em suas cartas, os pequenos tocam em questões profundamente relacionadas com a sua vivência. E fazem de forma criativa, com seu jeito livre e sem preconceitos. Com sua simplicidade chegam a provocar o riso em nós, mas também a necessidade de refletir.

Enfim, o livro é um mergulho no mundo das crianças e permite conhecer melhor o pensamento infantil. Por isso é um valioso auxílio para pais, professores, avós. Aliás, para todas as pessoas que se ocupam com educação cristã.

ecumênicas. Na opinião do pastor Huberto Kircheim, que expôs a posição das igrejas, é preciso que ambas as partes busquem caminhos conjuntos. Ele manifestou preocupação com as entidades que nasceram nas igrejas e tornaram-se tão autônomas que terminaram por perder sua identidade.

Anivaldo Padilha, secretário-geral de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, traçou um histórico do movimento ecumênico e mostrou que a tensão igrejas x entidades ecumênicas sempre existiu. "A vitalidade do ecumenismo reside justamente no fato de se lidar com essa questão", apontou.

Ao final da reunião, ficou decidida a elaboração de um estudo com igrejas e entidades ecumênicas para se detectar o que pensam sobre o ecumenismo, como conceituam e o comprehendem.

Dom Paulo Arns critica tendência neoliberal do governo

O cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, afirmou que o governo Fernando Henrique Cardoso deve resistir à tentação de implantar um modelo neoliberal no País. Segundo o cardeal, o neoliberalismo agravia ainda mais a situação dos 32 milhões de brasileiros que, segundo dados oficiais, não pos-

suem condições mínimas de sobrevivência. "O número de excluídos não vai diminuir enquanto o capital se concentrar nas mãos de poucas pessoas", afirmou Arns.

Dom Paulo disse que as organizações não-governamentais (ONGs) devem fazer pressão para impedir que o modelo neoliberal seja implantado no País. (FSP, 2/3/95)

Rede de Cristãos analisa atual governo

Com o objetivo de analisar a conjuntura sociopolítica-econômica do País e fortalecer as bases de suas propostas, a Rede de Cristãos de Classes Médias realizou no Rio de Janeiro, nos dias 30 e 31 de março, seu segundo seminário. De acordo com os participantes, o atual governo não tem reunido condições de estabelecer um projeto que atenda aos interesses da população brasileira, especialmente os empobrecidos. Por outro lado, setores de oposição estão perplexos e ainda não encontraram um caminho propositivo, todavia até o momento reagem negativamente às propostas governistas.

A Rede integra pessoas e grupos de diferentes igrejas e procedências comprometidos com a perspectiva de transformação social, colocando-se a serviço dos excluídos e das lutas de libertação.

O que importa é o crescimento

UM BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DE IGREJA

Antonio Carlos Barro

OMovimento de Crescimento de Igreja, conhecido nos Estados Unidos como *The Church Growth School*, tem influenciado muitos pastores e líderes. Suas principais formulações foram disseminadas pelo Seminário Teológico Fuller (Pasadena, Califórnia). O propósito deste estudo é fornecer uma breve história desse movimento e algumas das suas principais contribuições.

História do Movimento

O início desse Movimento é creditado ao Dr. Donald McGavran, missionário na Índia. Suas observações apontavam para um distanciamento entre os missionários, que viviam nas missões, e o povo com o qual eles trabalhavam. McGavran percebeu que quase não havia elos de ligações entre as duas culturas e que os missionários pouco faziam no sentido de procurar essas "pontes" para atuarem mais efetivamente na cultura local. A partir desse momento ele começou a elaborar teorias, com o auxílio da antropologia, no sentido de encontrar pontos comuns entre as duas culturas. Em 1955, ele formulou em seu famoso livro *Bridges of God* (Pontes de Deus).

Em 1961, McGavran retornou aos Estados Unidos para a sua aposentadoria. Quando lhe disseram que poderia ocupar uma das casas de uma vila para aposentados, ele, com 65 anos, recusou a idéia e fundou o Instituto de Crescimento de Igreja em Eugene (estado de Oregon). O propósito era ajudar os missionários que regressavam do campo e auxiliar na avaliação de seus trabalhos para que se tornassem mais eficazes na evangelização.

Em 1965, o Seminário Teológico Fuller, que possuía uma escola de teologia, decidiu estabelecer uma escola de missões. O nome de McGavran foi sugerido para ser o primeiro diretor dessa escola. Convidado, ele aceitou com a condição de que a nova escola continuasse a ter o nome do Instituto. Assim, foi fundada a Escola de Missões Mundiais e Instituto de Crescimento de Igrejas. A importância dessa escola pode ser medida nestes quase trinta anos pela quantidade de alunos de quase todas as partes do mundo, especialmente do Terceiro Mundo, que formou. Em 1970, o Movimento solidificou-se com o livro de McGavran intitulado *Understanding Church Growth* (Entendendo o Crescimento da Igreja).

O Movimento ganhou tremendo impulso no ano de 1972 quando um ex-aluno da escola de teologia, C. Peter Wagner, voltou ao Fuller para lecionar na escola de missões depois de quase dezesseis anos como missionário na Bolívia. Ele começou a dirigir as teorias ali desenvolvidas para o público americano e para os pastores das igrejas locais. Devemos lembrar que a preocupação de McGavran era mais com os missionários, mas Wagner percebeu que o futuro do Movimento estava em "vender" essas idéias para os líderes e pastores. Teve início, então, uma era pragmática em que tudo passou a ser pensado em termos de crescimento numérico. Estratégias foram formuladas para fazer a Igreja crescer, palestras e seminários se realizaram por todas as partes dos Estados Unidos. A literatura começou a ser abundante, principalmente com Wagner, exímio escritor.

Esse período histórico chegou ao fim no início dos anos de 1980. Wagner e outro professor, Charles Kraft, influenciados por um amigo comum, John Wimber, começaram a pensar em termos do que eles chamavam a "Terceira Onda". Wagner e Kraft tiveram uma turma (classe) no Fuller, onde, além dos estudos acadêmicos, desenvolveu-se também a prática de oração, curas físicas e libertação de endemoninhados. Essa turma causou tremenda confusão, com muitas reclamações dos professores da escola de teologia, que não podiam aceitar o que eles achavam ser uma barbaridade teológica. A classe acabou suspensa pela direção do Fuller.

Esse período levou a outro que creio ser o período atual do Movimento. No final de década de 1980 deu-se início ao que hoje é chamado de "Batalha Espiritual". Wagner, e sempre ele, em contato com pessoas da América Latina, principalmente líderes da Argentina que estão fazendo a Igreja crescer por meio de uma batalha intensa contra os demônios territoriais, descobriu que a causa do pouco crescimento em muitas igrejas está relacionada ao fato de que os demônios de certas cidades ou localidades não foram identificados e assim limitam a pregação do Evangelho. Quase todos os livros de Wagner nos últimos anos são nessa direção e aí, mais uma vez, ele tem influenciado milhares de pastores e líderes denominacionais, inclusive no Brasil.

Os principais postulados

O crescimento da Igreja é bíblico. A Bíblia ensina que Deus tem interesse em ver sua Igreja crescendo; tal crescimento é sinal de que ela está realizando bem a tarefa da evangelização mundial.

Os grupos homogêneos. A igreja cresce mais rapidamente quando os seus membros pertencem a uma mesma classe racial ou social. As pessoas gostam de estar em comunhão com as pessoas do mesmo nível, que falam a mesma língua, têm os mesmos costumes. Essa teoria foi talvez a que mais recebeu críticas dos teólogos, principalmente os do Terceiro Mundo.

Campos mais produtivos. Os campos onde a semente do Evangelho não está germinando devem ser abandonados em favor daqueles onde as colheitas são mais abundantes.

O papel do pastor. O pastor é a pessoa-chave no crescimento da igreja e deve incentivar o seu rebanho nessa direção. Sem a participação efetiva dele, dificilmente a igreja crescerá.

O descobrimento dos dons espirituais. Wagner trabalhou bastante a questão de que cada membro da igreja deve descobrir o seu dom espiritual e colocá-lo a serviço dela para que venha a crescer.

Evangelismo. O evangelismo é prioritário sobre todas as outras atividades da igreja.

Principais críticas

1. O Movimento exportou muitas das suas idéias, mas não levou em consideração o contexto dos povos e igrejas aonde ele chegava. Assim, é possível ver pastores em regiões pobres tentando aplicar uma metodologia perfeitamente lógica no contexto norte-americano, mas que não faz qualquer sentido fora daquele ambiente.

2. O Movimento privilegia a questão numérica da igreja em detrimento do crescimento qualitativo. Naturalmente que quando questionados a esse respeito, os seus defensores irão negar essa crítica; todavia, fica nítido, que há uma preocupação maior com o número de fiéis na igreja.

3. Pouca importância é dada a outros aspectos vitais da igreja. Um deles é a diaconia. Quase nada é dito a respeito do envolvimento da igreja na mudança das estruturas pecaminosas da sociedade. Este aspecto não é negado mas ocupa lugar de menor destaque, pois a prioridade é a evangelização.

4. Finalmente, o Movimento contribuiu para que a dicotomia entre a evangelização e a ação social fosse aumentada. Não perceberam que a Bíblia e principalmente Jesus Cristo não separaram o ser humano em compartimentos.

Principais contribuições

1. Nos seus primórdios, o Movimento contribuiu para desafiar as missões a terem um envolvimento mais próximo com o povo evangelizado. Ditas missões estavam-se tornando um gueto nos países onde se haviam instalado e os missionários tinham pouco contato com o povo.

2. O Movimento trouxe também desafios para as denominações norte-americanas que não mais se preocupavam com a evangelização do ser humano. Com a influência do chamado "Evangelho Social", muitas igrejas perderam por completo todo e qualquer desejo de pregar a salvação no sentido espiritual, preocupadas que estavam com a salvação social do indivíduo. O Movimento critica esta situação e chama as igrejas de volta a um trabalho evangelístico.

3. O Movimento influenciou no desenvolvimento de um novo ramo de estudos na teologia que hoje é conhecido como "missiologia". Ninguém pode negar a enorme participação do Fuller na implantação de cadeiras sobre missões nos seminários. Isso fez quebrar um pouco o elitismo acadêmico em que somente a teologia recebia atenção.

Conclusão

Quando falamos em crescimento de igreja como uma escola de pensamento, temos que distinguir os períodos que mencionei acima. Vemos que uma figura é importante sempre: Wagner. O problema é que ele tem sido colocado como sinônimo do Movimento, todavia, muitos dos seus colegas dentro da escola de missões do Fuller não concordam com eles, pois eles continuam a trabalhar dentro daquele primeiro período. Uma coisa, porém, permanece a mesma: o crescimento da igreja é da vontade de Deus e a igreja que não está crescendo precisa rever as suas estratégias missionárias.

Antonio Carlos Barro é doutor em Missiologia, pastor da Igreja Presbiteriana de Londrina (PR) e presidente do Seminário Teológico Sul-Americano.

Protestantismo Histórico: crescimento e estagnação

J. Bittencourt Filho

Até agora a historiografia dos protestantismos latino-americanos tem prestado pouca atenção às raízes do vínculo orgânico que se deu entre forças liberais radicais e o protestantismo. O laço orgânico não foi sómente uma convergência ideológica em torno à conceitualização da modernidade democrática e republicana. Teve sua raiz no fenômeno associativo que os liberais consideraram como o crisol do novo povo latino-americano, este povo de cidadãos que deviam ir construindo pouco a pouco a base de uma democracia representativa e de uma cultura política moderna. (Jean-Pierre Bastian)

O Protestantismo Histórico brasileiro, também denominado Protestantismo de Missão, implantou-se no País na segunda metade do século passado, e essa implantação não ocorreu por acaso. No mesmo período, em outras partes da América Latina, o Protestantismo conseguiu fixar-se. Após duas tentativas no Brasil (séculos XVI e XVII), enfim reuniram-se as condições para que um Cristianismo alternativo pudesse criar raízes, a despeito do poder político e da hegemonia religiosa romano-católica.

Estudiosos costumam afirmar que as tentativas anteriores não lograram êxito devido à aliança entre trono e altar. Para o imperialismo ibérico seria inadmissível a presença de outra estrutura eclesiástica e de outro sistema religioso cristão no Novo Mundo que não fosse o católico romano. Isso nos faz suspeitar a existência de uma relação estreita entre projetos missionários e projetos de sociedade. Se ambos não andam juntos, torna-se praticamente impossível consolidar qualquer um deles.

Indicamos que a implantação do Protestantismo no século XIX não foi casual. Este foi o século no qual desencadearam-se os processos de independência das colônias ibéricas em território sul-americano. Sabe-se que as correntes políticas que contribuíram nesse sentido tinham inspiração liberal e estavam cientes de que, para abalar as estruturas arcaicas nos níveis político e econômico, teriam que minar a legitimação religiosa de tais estruturas.

Disso decorre uma associação, de que nos dão conta os estudos mais competentes, entre Liberalismo, Maçonaria e Protestantismo. Tal associação foi mais ou menos intensa em função das idiossincrasias históricas de cada país ou região. O espaço não nos permite detalhar o assunto. O importante, porém, é corroborar as teses que vinculam projetos ideológico-político-econômi-

cos aos empreendimentos missionários.

Pode-se asseverar, portanto, que o Protestantismo de Missão estava incluído num anseio de modernização que tinha o intuito de implantar na América Latina o modelo de sociedade liberal-burguês. Vale como exemplo de inclusão nesse anseio, entre outros, o avanço pedagógico introduzido pelas instituições educacionais protestantes.

Na "era JK", o Brasil tornou-se integrante do clube do capitalismo internacional em plenitude. Desse modo, as aspirações de tornar o País uma república urbano-industrial haviam chegado ao seu ápice histórico. O projeto político no qual as missões protestantes estavam inscritas esgotou-se ao se tornar uma realidade abrangente.

Vários protestantismos

Naquela altura o desafio que estava perante o Protestantismo de Missão era recriar-se por meio do engajamento em algum projeto global autóctone e singular, que correspondesse aos seus valores e ao seu ideário. Contudo, apenas uma minoria combativa imbuíu-se desse propósito. Essa minoria entendeu ainda que para alcançar sua meta o caminho seria uma opção em favor do ecumenismo e da transformação social. Nasce o Protestantismo progressista brasileiro.

Outros entenderam que a melhor alternativa seria vincular o denominacionalismo brasileiro às suas origens fundamentalistas e pietistas com todos os seus corolários, isto é, no plano interno investir no banimento do Liberalismo teológico e implementar os modelos verticalistas de poder; no plano externo, cerrar fileiras com os interesses das camadas dominantes: Surge o Protestantismo conservantista.

Não faltaram aqueles que, inspirados no fenômeno pentecostal, consideraram a alternativa avivalista a única saída. Ao invés de uma hermenêutica da Reforma em face da realidade brasileira, preferiram a "novidade" mística. Aparece o Protestantismo carismático, quase hegemônico na atualidade.

É preciso ponderar que o estágio incipiente da institucionalidade das denominações, a baixa acumulação de massa crítica e a identificação com certos estamentos intermediários da sociedade brasileira não contribuíram para a grande e complexa empreitada de refazimento do projeto eclesiológico. Portanto, ao invés de uma solução criativa e consensual, o que se verificou foi

O Protestantismo de Missão deixou de ser atrativo para os segmentos mais esclarecidos das camadas médias e não se encontrava aparelhado para produzir uma proposta religiosa popular

apenas um novo fracionamento. A situação agravou-se ainda mais após o golpe militar, com o ascenso dos setores conservantistas ao comando das burocracias eclesiásticas, alinhados à ideologia de Segurança Nacional então vigente.

Aspectos da crise

Nesse particular, a década de 1970 foi decisiva. Devido ao obscurantismo dominante, as deficiências se tornaram mais agudas, ensejando a expansão das chamadas "Missões de Fé", que minaram o que ainda havia de criativo e consistente nas bases denominacionais, criaram vários movimentos e ainda conseguiram formar gerações de jovens obreiros, segundo um modelo fundamentalista e reacionário, nos muitos institutos bíblicos e seminários teológicos capiosamente apresentados como "interdenominacionais".

Acrescente-se a isso o processo acelerado e generalizado de pauperização que as camadas intermediárias passaram a sofrer após o declínio do "milagre econômico". A estrutura e o funcionamento local e nacional das denominações passaram a não corresponder às condições materiais objetivas de vida de seus eclesiásticos. Assim sendo, o Protestantismo de Missão deixou de ser atrativo para os segmentos mais esclarecidos das camadas médias e não se encontrava aparelhado para produzir uma proposta religiosa popular.

Outro fator a ser destacado é a contradição intestina das denominações, que sempre investiram pesados recursos materiais, humanos e financeiros no evangelismo, mas que não conseguem fixar os "convertidos" nas comunidades devido às inúmeras restrições de cunho moral e cultural que impõem, ao modo de uma autêntica subcultura.

É preciso colocar em relevo que os conflitos entre as correntes conservadora, progressista e carismática nunca se deram propriamente no terreno das idéias, mas no da disputa pelos espaços de poder institucional, o que criou um círculo vicioso inescapável. Nesse quadro, as denominações do Protestantismo de Missão acabaram por sucumbir num torvelinho de deficiências, que vão desde a doutrinação dos fiéis (crise da Escola Dominical), até a formação dos ministros (indigência teológica), passando pela dimensão simbólica (crise litúrgica).

Também como reflexo do avassalador crescimento pentecostal, o Protestantismo de Missão foi sendo tomado de assalto pelas alternativas carismáticas e fundamentalistas dos mais diversos matizes. Apenas os raros segmentos progressistas e ecumênicos mantiveram certo nível de resistência, buscando nas raízes históricas os conteúdos teológicos adequados para a manutenção da utopia de um Protestantismo fiel, simultaneamente, no plano teológico, aos princípios da Reforma, e, no plano sociocultural, à nacionalidade brasileira.

Na presente década é necessário incluir na problemática a crise do Cristianismo tradicional, preconizada por Richard Shaull há quase trinta anos. O Cristianismo tradicional vê-se cada vez mais cercado por um ambiente cultural que lhe é hostil. No caso brasileiro, sobretudo no meio urbano, aparece uma dificuldade adicional: as formas religiosas sob influência da matriz religiosa brasileira (J. Bittencourt Filho. "Matriz religiosa brasileira: notas ecumênicas", in *Tempo e Presença*, nº 264, julho/92 — N. do Editor) a qual o Protestantismo de Missão jamais conseguiu evangelizar efetivamente. Dentre essas formas religiosas encontram-se o neodenominacionalismo evangélico, com perfil fundamentalista, e o "protestantismo" sincrético, um fenômeno impensável até poucos anos atrás.

Ao lado disso vivemos num contexto histórico-cultural no qual dá-se uma supervalorização da experiência religiosa, sobretudo aquelas de caráter místico, mágico e utilitarista. Os sistemas religiosos que não produzem tais experiências parecem condenados ao ostracismo, quando não à irrelevância. Isso não deveria ser novidade num país onde o substrato religioso jamais deixou de ser espiritista; o que talvez cause admiração dada a intensidade do fenômeno.

Existe futuro para o Protestantismo de Missão no Brasil? Não iremos arriscar vaticínios, afinal, a história também vive dos imponderáveis. Apenas constatamos alguns aspectos sociológicos que, indubitavelmente, interferiram e interferem de modo decisivo no crescimento e na estagnação do denominacionalismo tradicional brasileiro.

José Bittencourt Filho, mestre em Ciências da Religião, coordena o Projeto Nova Teologia Latino-Americana de KOINONIA.

Crescimento pentecostal: um fato!

Alexandre Brasil

Falar dos evangélicos, especialmente dos pentecostais, está virando moda em vários setores da sociedade. Nos jornais já temos o bom evangélico *versus* o mau evangélico (Caio Fábio x Edir Macedo). O novelista global Dias Gomes promete uma minissérie em que um dos seus personagens se tornará um “pregador pentecostal” aproveitador. Também já encontramos o *gospel* em espaços como o dominical *Xuxa Hits*.

Nos meios acadêmicos, instituições católicas e ecumênicas encontramos estudos sistemáticos sobre o Pentecostalismo, textos formulados a partir dos anos de 1980. Lembraremos trabalhos que trataram das chamadas “igrejas eletrônicas” e da “bancada evangélica”. A questão do crescimento numérico só tomou lugar de destaque nas discussões dos anos de 1990.

Curiosamente, datado de 1976, há um documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), assinado por Francisco Rolim, cujo objetivo é analisar a “rapidez de crescimento nas camadas pobres de nossa população” do “pentecostalismo de forma protestante”. Em 1983, a CNBB continua preocupada com o crescimento das “seitas”, e sua Linha V (Dimensão Ecumônica e de Diálogo Religioso) sistematiza um mapeamento realizado pelas dioceses das várias opções religiosas existentes.

De outro lado, foram e são criados, nas universidades, grupos de trabalho e de reflexão, começam a surgir “pentecostólogos” que identificam a possibilidade de ser tal fenômeno “o mais importante movimento promotor de mudanças de mentalidade na sociedade brasileira contemporânea”. Entre os grupos e instituições ecumênicas também ocorre processo semelhante na busca de compreender o fenômeno, mas a questão do crescimento numérico ocupa um espaço menos privilegiado.

Explicações para o crescimento

As explicações sobre o crescimento do Pentecostalismo começam de forma mais peremptória entre aqueles que acreditavam que os “demônios descem do Norte”. Teorias e livros foram desenvolvidos com o objetivo de provar que esse crescimento não passava de uma ação da Agência Central de Informação norte-americana (CIA). Um repórter da conservadora revista católica *30 Dias* afirmava (abril de 1986) que “no continente latino-americano está ocorrendo uma verdadeira ‘invasão’ orquestrada pelo imperialismo norte-

americano”, e que essa “invasão” ocorria por meio de pregadores pentecostais e não por “marines”... Quatro anos mais tarde (julho de 1990), na mesma revista, o repórter já afirmava que explicar o crescimento pentecostal pela aplicação do dinheiro americano poderia ser “uma resposta fácil e reduzida”. De qualquer forma, só recentemente houve uma total desvinculação dessas interpretações sobre o crescimento, com produções de trabalhos que derrubam tais afirmações.

Outros se detiveram em relacionar o crescimento com a perda de terreno da Igreja Católica, que estaria mais preocupada com as questões político-sociais em detrimento das espirituais. Outras interpretações afirmam que o quadro de mudança social por que passa o País favorece a proliferação de novos movimentos religiosos. Há também a postura que defende que, por meio do Pentecostalismo, o fiel tem possibilidade de ascensão social (ao tornar-se pastor), estando neste ponto o motivo de atração.

Mais recentemente explicações apostam no “poder de sedução das seitas” ou na sua “eficiência comunicativa”, entre tantas outras existentes e possíveis.

Um importante aliado nas discussões são os dados quantitativos. Infelizmente ainda não é possível ter acesso aos resultados de religião do Censo de 1991. Restam algumas pesquisas, primeiramente a que foi realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (Iser) entre 1990 e 1992. O Censo Institucional Evangélico apresentou o dado mais impressionante a respeito desse crescimento: “Em média a cada dia útil uma nova igreja evangélica é fundada no Rio de Janeiro”. Outra fonte quantitativa é o resultado de uma pesquisa estatística do Data Folha por ocasião das eleições gerais de 1994, com a sistematização dos sociólogos Antônio Pierucci e Reginaldo Prandi. A partir de uma amostragem de quase 21.000 entrevistas, foi obtido o resultado de que os evangélicos hoje são 13,3% dos brasileiros eleitores, dos quais 9,9% são pentecostais. O que daria cerca de quase vinte milhões de evangélicos em

toda a população (preservado o mesmo percentual que há entre os eleitores).

A Assembléia de Deus e a “Década da Colheita”

As notícias e evidências do crescimento evangélico foram responsáveis por uma série de pronunciamentos e atitudes triunfalistas, uma espécie de alegria que contagia diversos setores evangélicos. Muitos acreditam que será possível vislumbrarmos um Brasil evangélico. Por outro lado, sociólogos argumentam que este crescimento não será eterno e que encontrará um ponto de estagnação. Temos de convir que a fé numa pátria evangélica é uma realidade aceitável, se pensarmos no exemplo de outros países da América Latina.

Segundo levantamentos estatísticos, caso o crescimento evangélico na Guatemala, por exemplo, continue na mesma velocidade que se desenvolveu entre 1960 e 1985, no ano 2010 os evangélicos do país serão 130% da população! A taxa de crescimento no período foi tão alta, que se continuar na mesma velocidade ex-

trapolará o crescimento vegetativo! Apesar do desgosto de alguns, somos obrigados a afirmar que isto não é possível... Um dia todo crescimento encontra um patamar e pode manter-se nele ou não.

Interessa-nos comentar algumas questões em evidência no seio da maior igreja pentecostal do Brasil. A Assembléia de Deus (AD) é uma igreja nacional, seus templos se encontram espalhados por todos os rincões do País, e estão em crescimento. Em 1990 a Convenção Geral lançou a campanha “Década da Colheita” com o objetivo de alcançar, até o ano 2000, cinqüenta milhões de membros (segundo os números da igreja atualmente são doze milhões de membros, o que não é compatível com os dados do Data Folha).

Para levar a cabo seus objetivos, a AD passou a produzir diversos materiais específicos, aconselhando, entre outros recursos, o uso da mídia, o aumento do número de evangelistas e a organização de equipes de “força-tarefa” que trabalhariam em pequenas localidades. Há também a preocupação com o retorno daqueles que abandona-

ram a igreja (desviados), uma “chamada” geral aos pastores — “Pastores, de volta para o altar” — e a orientação para o incremento e sistematização da doutrinação, oração e jejum. Ainda é aconselhado que festas e confraternizações cedam espaço a atos evangelísticos e que se implemente um firme controle e acompanhamento dos “recém-convertidos” (discipulado). Ela também alerta para a urgência de reflexão por parte dos líderes em relação ao crescimento, sugerindo a necessidade de ser compreendido “o momento que a sociedade brasileira vive” e “entender que os crentes da AD não são mais os únicos pentecostais no País, e o que isto significa para o crescimento da igreja”.

Estas preocupações e decisões são bastante semelhantes às adotadas pela Igreja Católica, sendo que a AD as toma antes de enfrentar uma crise em seu crescimento. Parece que a igreja já se sente atingida pela concorrência com as igrejas do chamado Pentecostalismo Autônomo (Igreja Universal, por exemplo), já que a taxa de crescimento entre estas talvez seja maior.

A explicação é possível?

Talvez estejamos procurando explicar o inexplicável. Como vimos, estes são só alguns exemplos, existem vários outros modos de interpretar/explicar essa proliferação. Até o momento uma postura segura é a adotada nas produções acadêmicas recentes de David Stoll e Paul Freston. Ambos abstêm-se de tentar responder ao porquê do crescimento, simplesmente o tomam como um fato real, com o qual convivemos e para o qual não encontraremos facilmente uma simples e objetiva resposta.

Dentro da proposta (desculpem o ‘nhenhenhém’) neoliberal do governo FHC, a tendência é o aumento da pobreza e dos pobres, e consequentemente do Pentecostalismo. Seguiríamos um pouco a pergunta que o jornalista Zuenir Ventura se fez após conviver um período na favela. O que mais o impressionou não foi o número de jovens na criminalidade, mas sim o número dos que não optavam por ela, mesmo tendo todos os motivos. Um interessante caminho, então, poderia ser comparar os motivos que levam alguns a ingressar no Pentecostalismo, e os motivos que levam outros a não fazê-lo, mesmo com toda a atração que ele parece oferecer, especialmente às camadas mais pobres.

Alexandre Brasil Fonseca, mestrando em sociologia na UFRJ, integra KOINONIA.



Modernização ou expansão neoconservadora?

Jorge Atilio Silva Julianelli

A Igreja Romano-Católica é marcada por sua estrutura ministerial hierárquica. O Vaticano II iniciou um processo de abertura das estruturas eclesiásias ao laicato considerando a teologia do sacerdócio universal e a eclesiologia do Povo de Deus (em nenhum momento, porém, esquecendo a do Corpo Místico, que implica o reconhecimento da primazia da "cabeça"). Havia motivos suficientes para essa abertura. O mais importante movimento foi a "Ação Católica", voltada para vários segmentos da sociedade, especialmente os operários, e que significou assumir os problemas, conflitos e desafios da sociedade como questionamentos para o que-fazer eclesial (a Pastoral).

Os anos de 1960 foram de florescimento da Ação Católica na América Latina. No Brasil, ela foi de fundamental importância para o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estes trinta anos de experiência das CEBs mostraram, primeiramente, uma tentativa de revitalização e modernização do modelo organizacional-eclesiástico. O documento de Medellín (1968) as assumia como "células estruturais" das igrejas locais (paróquias).

Além da Ação Católica, desenvolveram-se outros movimentos. Especialmente tradicionalistas são o *Opus Dei*, que teve seu fundador beatificado por João Paulo II, e, no Brasil, o movimento Tradição, Família e Propriedade (TFP), extremamente voltado para a afirmação do princípio de autoridade e para a luta contra o comunismo e suas tentações. Isso os levou a uma luta contra as CEBs, com a produção de folhetos e livros contra as comunidades, as proposições teológicas que as orientam e os bispos que as apóiam.

Entre 1970 e 1990 proliferaram sobretudo três tipos de movimentos: familistas, de juventude e carismáticos. Os familistas possuem diferenças grandes entre si. Há grupos preocupados com uma formação das famílias que seja integrativa e inclua uma preocupação com a solidariedade efetiva com os oprimidos e seus movimentos (Movimento Familiar Cristão e as Comunidades de Vida Cristã), e os que possuem uma perspectiva integrativa voltada quase que exclusivamente a aspectos inerentes à vivência familiar, sem incluir necessariamente uma visão de abertura para as questões sociais (a Aliança de Casais com Cristo e os Encontros de Casais com Cristo).

Houve movimentos de juventude

empenhados em formar agentes paroquiais como Decolores e Técnicas de Liderança Cristã (TLC). Entre aqueles preocupados em atingir a juventude vieram vários importados, tais como o *Focolari*, de Chiara Lubich, e o *Comunione i Liberazione*. O primeiro deles está, em geral, integrado às paróquias e aberto aos temas políticos e sociais com uma postura próxima à da Teologia da Libertação em muitos casos. Mas, infunde, também, uma consciência clara da necessidade honrosa do respeito à autoridade, quase inquestionável. O outro é muito mais claramente contra a Teologia da Libertação e se propõe como liberal.

O movimento que cresceu e está crescendo

Nascido nos Estados Unidos em meados da década de 1960, rapidamente migrado para a Europa e depois para a América Latina, a Renovação Carismática Católica (RCC) é o movimento que mais cresceu no Brasil nestes últimos anos. Recentemente pesquisada dos professores Prandi e Pierucci, sobre a religiosidade dos eleitores brasileiros, considera que 3,3% da população nacional pertence a esse movimento. As CEBs, por outro lado, correspondem apenas a 1,8%, e todos os outros movimentos juntos a 7,9%.

A análise dos professores Prandi e Pierucci mostra que há uma concentração maior de carismáticos no Paraná (9,1%), assim como das CEBs. Em São Paulo eles são 3% e no Rio de Janeiro 1,6%. O movimento é composto majoritariamente por mulheres (70,3%) e é de maior composição feminina. A maioria dos participantes são brancos, com primeiro grau completo, e 27,4% com o segundo grau completo. Sua grande concentração está nas cidades do interior (78,1%). Possui um expressivo contingente de donas de casa (24,3%), e a maior parte dos que estão ocupados são funcionários públicos (22,4%). A maioria deles recebe entre dois e cinco salários mínimos (26,4%).

Se considerarmos que o movimento cresceu entre 1970 e 1994, e que, em 1994, representa 3,3%; e se compararmos com o Pentecostalismo que, na mesma pesquisa citada, significa 9,9%; podemos inferir que o avanço da RCC é mais dinâmico que o pentecostal considerado em seu conjunto. Isso porque, nos 9,9%, estão incluídos tanto o chamado Pentecostalismo tradicional (surgiu em 1910) como o autônomo, mais

desenvolvido a partir de meados dos anos de 1970. Devemos considerar, entretanto, que a RCC propaga-se dentro de uma estrutura aceita culturalmente, enquanto o Pentecostalismo sofre certa resistência cultural. Além disso, este cresceu muito mais na sua vertente autônoma. De qualquer maneira, é relevante a informação de um crescimento tão dinâmico na Igreja Romano-Católica.

É importante reconsiderar algumas conclusões da pesquisa de Pedro Ribeiro (1976). Ele afirmava que a maior parte dos participantes da RCC eram de classe média e de mulheres. Isso é confirmado pela pesquisa de Prandi e Pierucci. Pedro afirmava, também, que os caracteres mais marcantes do movimento eram, por um lado, a acentuação da dimensão afetivo-espiritual, especialmente nas suas manifestações expansivas durante os momentos de oração, além de um caráter mágico na relação com Deus e da acentuação dos fenômenos da glossolalia e da cura divina (este menos que aquele). Por outro lado, acentuam a catolicidade de dois modos: destacando a figura de Maria como centro de devoção; e desenvolvendo um comportamento extremamente conformista em relação à autoridade (jamais em confronto). Tal atitude é fundamental para serem aceitos pelas autoridades eclesiásticas.

Um caráter especialmente relevante da RCC é sua relação com o tema do conflito. Este é apenas destacado na vida pessoal para indicar a necessidade de conversão de uma situação turva para outra límpida e tranquila com a ajuda de Deus. A ação de Deus se dá na vida dos indivíduos, em direta relação com ele, buscando solucionar os próprios conflitos interiores. No entanto, o conflito é indesejado. O que se deseja é a paz de espírito possível. Essa "espiritualidade da paz" acaba informando tanto a relação do movimento com as autoridades eclesiásticas, como com os conflitos materiais da realidade social.

Em relação à autoridade eclesiástica, chega-se à solução de admitir o que ela expressa, ainda que isso possa ser a negação do movimento. Se o movimento é negado, ele simplesmente procura experimentar outro rumo em outra circunstância. O movimento não assume uma postura combativa de resistência que exige direito de cidadania eclesiástica. Retira-se da cena de batalha e procura algum espaço tranquilo para existir.

Em relação aos conflitos materiais

da realidade social, eles não fazem parte das referências do movimento. Isso não significa que exista um fechamento quanto a essa questão; ao contrário, há possibilidade de compreender situações de conflito, analisar causas e consequências.

Neoconservadorismo ou modernização?

Os anos de pontificado de S.S. João Paulo II têm sido de apoio aos movimentos leigos. O Vaticano apoiou expressamente o projeto *Lumen 2000*, que conta com a RCC. Há, no documento de Santo Domingo, um apoio expresso aos movimentos, apoio esse que deseja estar contraposto àquele oferecido às CEBs. Essa tendência do apoio das autoridades eclesiásticas aos movimentos tem a ver, primeiramente, com um projeto de "re-romanização". Se no final do século XIX e no início deste houve o projeto de romanização que procurou conter os "desvarios" do Catolicismo popular, dando-lhe um banho de possibilidades devocionais; a "re-romanização" deseja conter os "desvarios" da Igreja Popular e, ainda, do Catolicismo popular, oferecendo uma autoridade fixa e firme, que seja como um farol para a religiosidade e que assegure a presença católica no continente latino-americano.

Em segundo lugar, como o papa afirma no seu recente livro, a Igreja tem que se contrapor à Modernização Iluminista, ao projeto de autonomia humana. À autonomia dos homens, no estabelecimento da moral, na realização de seus projetos, o papa quer contrapor uma dependência do Absoluto. Há mais do que um problema teológico nisso. Há um problema político. A questão é se há legitimidade em apresentar Deus como referencial político. Ao afirmar o papel da religião, no caso do Catolicismo, como o restabelecimento da heteronomia moral, ela está sendo apresentada como a referência última (e única) para a realização da vida humana: o retorno à Grande Tradição como saída para a humanidade que fracassou no projeto da Modernidade... Isso é o neoconservadorismo.

Jorge Atilio Silva Julianelli é mestrando em Filosofia e integra a equipe de KOINÔNIA.

A saga de Raabe

REFLEXÕES SOBRE A MULHER

Efraim Sanches Pereira

A tendência humana é desprestigar a participação daqueles que são considerados “inferiores” no processo de construção da história da humanidade. Os pobres, fracos, sensíveis e amantes da paz são sempre negligenciados quando se trata de registrar suas contribuições. A Bíblia apresenta-nos aspectos da vida cotidiana de pessoas consideradas importantes e daqueles declarados pelo poder dominante como opositores da ordem que, com seus discursos e ações, originaram revoluções e transformações.

Presença feminina na Bíblia

A luta feminina é antiga e remonta aos tempos bíblicos. Os escritos a respeito trazem um inconformismo latente e sempre crescente. Teimosamente, recusam-se ao confinamento e à insignificância a que o mundo masculino insiste em relegar a mulher. A Bíblia registra os conflitos e relaciona, respeitando o contexto social, aquelas mulheres que se destacaram. O texto sagrado não lhe menospreza a relevância para a humanidade e, “subversivamente”, as introduz como elementos desestabilizadores. A expressão “... delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres” (Ec 2.8) bem demonstra que a vida teria sido extremamente desagradável (para dizer o mínimo) sem a presença desse ser que, ao mesmo tempo possuindo graça e beleza, reveste-se de mistério.

A Bíblia nos fala de muitas delas, várias vezes, e realça-lhes a importância. Sua descrição é honesta, apresentando-as como: tentadoras (Eva: Gn 3.6); ciumentas (Sara: Gn 21.10); supermães tendenciosas (Rebeca: Gn 27); dignas de paixão e de imensuráveis sacrifícios (Raquel: Gn 29.18-20); líderes contestadoras (Míriá: Nm 12.1-2); guerreiras (Débora: Jz 4.7); frias e calculistas (Jael: Jz 5.24-27); traiçoeiras e manhosas (Dalila: Jz 16); mães extremosas (Ana: 1 Sm 2.18-19); nobres e sábias (Abigail: 1 Sm 25.3); símbolos sexuais (Sulamita: Cn 6.13); opositoras da opressão (Hulda: 2 Rs 22.14-20); modelos de virtude (Maria: Lc 1.28); negociantes independentes (Lídia: At 16.14); caridosas (Dorcas: At 9.36); e até apóstolas (Júnia: Rm 16.7).

Naturalmente não esgotamos a pléiade de mulheres da Bíblia. Importa-nos apenas analisar uma delas, que, propriedade, não incluímos nesta lista: Raabe.

A saga de Raabe (Js 2;6.22-27)

Sua cidade. A existência de Jericó remonta a 4500 a.C. Por volta de 1500 a.C., a vila posteriormente capturada por Josué passa a ser lugar de habitação dos filisteus. As escavações arqueológicas nos dão conta de que a cidade possuía um palácio de tempos anteriores, reparado; uma muralha exterior de cerca de 1.800 m de espessura, com outra, interior, distante aproximadamente 4 m e com 3,60 m de largura e 9 m de altura. Casas eram construídas nos muros. A divindade foi identificada com o deus-lua *Yarih* (W. Albright).

Seu contexto. As narrativas da conquista de Canaã ainda são obscuras, mas estudiosos têm procurado conhecer e aclarar esse período, comumente aceito como sendo entre 1200/1000 a.C.

Informa-nos o texto que a região se sentia ameaçada. Os cercos da antigüidade eram de natureza terrível. As cidades fortificadas deveriam possuir aliados externos e muito estoque de alimentos e água para que os muros fossem proteção, em vez de armadilha.

Conquistar Jericó não era novidade. As outras cidades edificadas antes no mesmo local também viveram a experiência da invasão. Desta vez, sua destruição não pode ser separada da saga de Raabe. Os destinos da localidade e da mulher (ou do seu clã) estão para sempre ligados. Mesmo porque ela se tornará importante, pois dela sairão reis como Davi e o próprio Jesus (Mt 1.56). Os escritores da Carta aos Hebreus (11.31) e de Tiago (2.25) realçam-lhe a fé e operosidade, fazendo disso a causa de salvação dela e da família.

A mulher Raabe (amplo, espaçoso, largo, extenso)

Profissão: prostituta. O termo *zonah* não sugere uma atividade de natureza cultural, mas unicamente o aluguel do corpo por dinheiro. No entanto, também essa hipótese não deve ser descartada, visto que os cultos cananeus incluíam nas celebrações, nos momentos de intensa comunhão com Deus, relações sexuais entre sacerdotisas e devotos. Se Raabe era meretriz comum, provavelmente o fosse como dona de casa de prostituição, o que parecem indicar a localização, o tamanho da sua casa (Js 2.6) e o fato de os espías procurarem esse lugar para saber das novidades.

A idéia que o texto nos dá é de que ela era próspera. Isso se depreende do fato de assumir a liderança (Js 2.13) para negociar o pacto e da dependência

familiar do seu “trabalho”. O significado do nome dela também contribui para definir-lhe a condição.

Como foi que ela descobriu que se tratava de espíões? O texto nos apresenta um mulher inteligente. Não só percebe que são diferentes e com propósitos determinados como trata de resolver, com criatividade e audácia, os problemas que surgem. Primeiro, esconde-os para não serem achados; depois engana a polícia do rei, que, sabendo da presença de estranhos, a inquire e recebe como resposta uma estória convincente; por último descobre e promove os meios para a fuga.

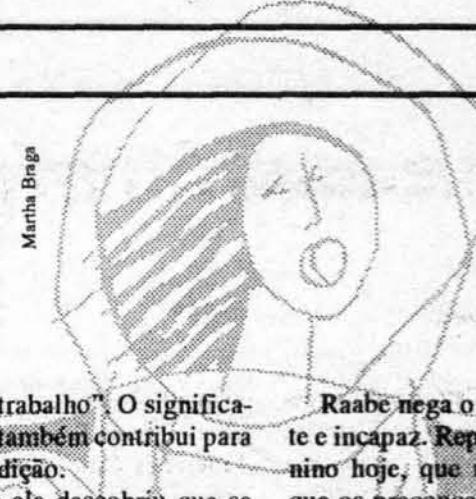
O diálogo (Js 2.8-13) é considerado pelos especialistas elaborado demais. Argumentam que talvez seja um trabalho revisionista feito por redatores que agruparam as sagas e tradições, para conferir-lhes coerência. Não nos preocupa. O importante é que o texto põe em evidência uma mulher consciente. Percebe estar diante de um momento histórico, de rara oportunidade. Demonstra saber das coisas, visto que descreve as campanhas de conquista de Josué e as ações divinas. Sabe interpretar o momento, vendo que a realidade presente está prestes a deixar de ser, e que o vir-a-ser trará um novo começo. Espanta-nos tal sensibilidade em alguém que possuía tudo para continuar na cidade fortificada sob a proteção das mulheres do rei, mas que se aventura pela pradaria, impulsionada pela visão!... Em sua opção, percebemos uma crítica ao sistema, à sua situação. Parece-nos inconformada!

Mulher sábia, comprehende a força ideológica que impulsiona aquelas tribos, como um poder, definindo-o como o “Deus em cima e embaixo da terra” (Js 2.11); é a mensagem de Javé, interventor na vida social e pessoal do homem.

Mulher provedora, tem compromisso com a vida dos seus; trata de ser prática: exige que se faça misericórdia para ela e sua família; celebra um pacto por meio de um símbolo: o fio escarlate! Os Pais da Igreja, em suas interpretações alegóricas, relacionavam-se ao Sangue de Cristo! Os símbolos são importantes...

Reflexões a partir de Raabe

Raabe não aceita mais ser apenas um objeto, simboliza a mulher atual, humilhada todas as vezes que é vista como fonte de prazer, sem direito à reciprocidade ou significado.



Martha Braga

Raabe nega o epíteto de suberviente e incapaz. Representa o gênero feminino hoje, que não deve aceitar mais que os preconceitos diminuam sua capacidade e inteligência e, por conseguinte, a façam merecedora de salários desiguais para funções iguais.

Raabe não se omite diante da preservação de sua família. Incentiva o “sexo frágil” a assumir corajosamente os postos e responsabilidades que a sociedade e a vida requerem, pois sua criatividade e competência são necessárias ao mundo para que ele seja melhor.

Raabe possui a capacidade de interpretar a realidade. Ensina suas “alunas” deste século, que precisam estar sempre de olhos abertos para ver seu momento, conscientes dos mecanismos de dominação ideológica, preparando-se para enfrentar e vencer tais obstáculos.

Raabe revela iniciativa e espírito pioneiro. As mulheres que querem mais da vida devem aprender a conviver com o momento decisivo de abandonar a segurança das “mulheres do rei” para se aventurar pelas pradarias, seguindo a “visão da fé”.

Raabe denuncia em seu corpo a injustiça e a exploração. Torna-se portavoz de tantas companheiras que, abandonadas pelo parceiro, precisam, sozinhas, usar de todos os meios e formas para manter a vida, sua e de seus filhos, nas favelas, nos prostíbulos e nos lixões das grandes cidades, negando à morte de cada dia o seu triunfo.

A saga de Raabe não se completa, se nela não reconhecemos a Presença! O Eterno se faz sentir na existência das mulheres, pois ele se mostra cúmplice e companheiro delas na luta pela vida, contra o império da morte! Alguém, baseado em Deuteronômio (32.9-13), já afirmou que o Ser Divino possui uma “Face Materna”. Aliás, nessa coisa de mãe, deve ficar registrada uma curiosidade do idioma hebreu, língua original do Antigo Testamento: a primeira mulher da Bíblia, a progenitora de todos os seres humanos, tem no termo que a identifica, o mesmo parentesco e significado etimológico de um dos nomes de Deus: Eva, *Havah* (sopro, fôlego, exsistência)! Javé, *Haiah*, o Ser, o Sopro, a Vida, o Fôlego e a Existência!

Efraim Sanches Pereira é pastor metodista, professor de Antigo Testamento no Programa Especial de Formação Pastoral da 5ª Região Eclesiástica e presidente da Comissão Regional de Ensino Religioso.

Mística e espiritualidades

Joanildo A. Burity

Não é sem certo alívio que se pode de novo falar de coisas “inúteis”, sem caráter instrumental ou estratégico para a “construção do Reino” ou da “nova sociedade”. Em certo sentido já é libertador poder preencher espaços e tempo do debate religioso nestes tempos difíceis de definir, posteriores à maré iluminista e secularizante.

A discussão que se intensifica em torno da questão da espiritualidade, especialmente acirrada pelo crescimento das formas de religiosidade neopentecostais ou místicas, precisa ser afirmada e está certamente longe de ser concluída. Desde já digo onde estou, se isso é possível: De origem carismática, com passagem pelo evangelicismo, simpatias pelo liberacionismo e identificação com uma ampla concepção do ecumênico, sou um pouco este mosaico do “ser-evangélico” brasileiro.

Aqui as definições doutrinárias, a identidade denominacional, a participação exclusiva num único espaço religioso sempre criaram problemas para os missionários, catequistas e burocratas do sagrado: presbiterianos que não aceitam a predestinação; congregacionais que não vivem bem com a democracia local; batistas que admitem a aspersão; católicos que chamam Iemanjá de Nossa Senhora. O modelo “claro e distinto” do Cristianismo europeu ocidental teve dificuldades de se implantar no Novo Mundo. A verdade, a nitidez, a reta doutrina, a pureza da fé: este foi sempre o projeto de todas as “políticas missionárias” no Novo Mundo.

Não defendo a “dupla militância” religiosa — um afro-catholicismo, um espírito-protestantismo, ou coisa parecida. Falo apenas da circulação de pessoas, vozes e discursos entre os vários espaços do campo religioso “evangélico”. Quem, afinal, é crente, evangélico, protestante, pentecostal, neopentecostal? Sem falar dos sobrenomes: presbiteriano, batista, metodista, assembleista, universal-do-Reino-de-Deus, ecumônico, etc. Este é um dos problemas para quem quer falar de espiritualidade “evangélica” no Brasil hoje. Se nem a interpretação da Bíblia, nem a autoridade denominacional ou confessional são critérios suficientes para dar unidade a estas identidades, como falar do Cristianismo que tais formas expressariam?

Retorno do antigo

O que presenciamos hoje evoca o retorno do antigo. Seja do antigo como aquilo que não se esperava mais encontrar

nos “tempos modernos”; seja do antigo como o que já aconteceu, como o que não é novidade. Nesse sentido, o retorno do antigo — ou seja, de uma forma de espiritualidade que reencanta o mundo, reatualizando as divindades, os demônios, a luta sem quartel entre o Bem e o Mal, o Verdadeiro e o Falso — nada traz de volta. Não são as “mesmas” entidades, pois elas hoje falam sobre problemas que as antigas não conheciam e por meio de tecnologias estranhas àquelas. Somente os “nomes” retornam. Ademais, a volta às origens nada encontra lá, senão o que a situação presente permite/exige encontrar: as pessoas se olham no espelho do antigo e o que vêem são elas mesmas, com sua presente ânsia de sentido, segurança e auto-afirmação.

Não estou querendo “secularizar” a redescoberta do antigo, mas apontar-lhe uma característica: trata-se, numa de suas dimensões mais significativas, de uma busca da “vida fácil”, da saída de menor custo ou resistência; trata-se de uma desobrigação — compreensível, depois de tantas lutas sem

qualquer compensação ou luz no fim do túnel — com o desafio de viver a “dificuldade” de um mundo que perdeu as certezas, que cansou de tentar construir o paraíso na terra, sem Deus.

Há certo ressentimento nesta redescoberta: as pessoas buscam acertar contas com o presente, conjurando poderes maiores; subjugando-se aos deuses e demônios do antigo, elas se sentem maiores, mais independentes; controlam as forças mais poderosas do universo contra a pretensão de soberania do presente. Nessa complexa operação, os excluídos, os marginalizados, os abandonados pelo presente se vingam dos demônios que dirigem o “mundo” para o caos e disputam com eles quem tem mais “poder”.

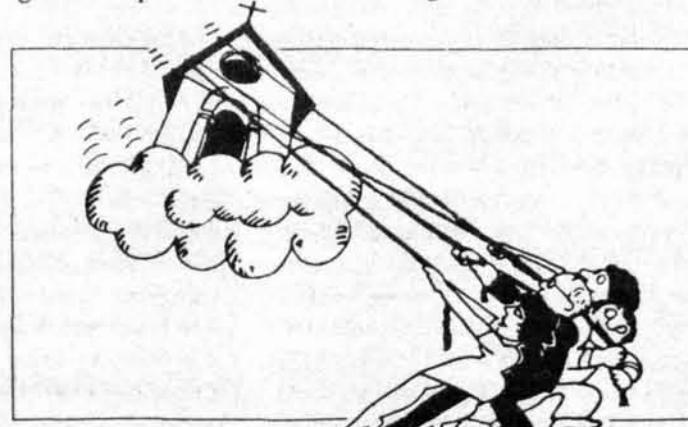
Isso agrada a muitos, não a todos. Há quem esteja igualmente de “saco cheio” da secura liberal, da inerrância evangélica, do escatologismo pentecostal. Que dizer a estes? Haveria na própria tradição cristã algum lugar onde uma resposta poderia ser buscada para nossa doença de fim de milênio, que não precisasse reeditar essa busca

heterônoma de segurança, poder e bem-estar? É possível um “misticismo cristão brasileiro de fim-de-milênio”, que não seja doutrinária, irracionalista, intolerante, nem socialmente apático?

Mística e os muitos caminhos da espiritualidade

No que se segue, eu tentarei apenas abrir uma trilha. Há, sim, na tradição cristã, elementos e “exemplos” de resposta: por exemplo, no pensamento místico ou contemplativo, na chamada via negativa.

O misticismo cristão, com sua visão dos “estágios” da vida contemplativa, desrido de certa tendência sectária e hierárquica, pode nos ajudar a compreender que há diferentes espiritualidades e diferentes formas de relacionar o ativismo religioso ou secular e a con-



Cláudio Ceccon

templação. Os estágios místicos não são patamares desconexos, mas estão interligados, e igualmente atingidos, de maneiras distintas e com diferentes modulações, pelo divino. Ninguém é mais “espiritual” do que ninguém. Ninguém tem acesso ao âmago de Deus ou ao centro do poder divino por estar ao máximo afastado das coisas cotidianas. Contemplação é um chamado divino, a que se responde ou não; não é privativa de uma elite que estaria “mais perto de Deus”.

A experiência mística é também uma experiência dos limites da confessionalidade. Nenhum conceito de Deus, nenhuma fórmula doutrinária, a rigor, tem qualquer papel no caminho místico, na “ascensão” a Deus. Deus é sempre incompreensível, impenetrável, radicalmente não-manipulável e “ausente”. A experiência máxima de Deus é a de reconhecer a inadequação e mesmo a inutilidade de qualquer racionalização doutrinária sobre Deus. Isto não significa negar toda a riqueza de confissões de fé, reflexão teológica e textos sagrados do Cristianismo. An-

tes, “limite” significa que Deus não é um ser entre outros, que podemos fotografar, gravar em vídeo ou fixar por escrito; e que nossa linguagem não é descritiva, é simbólica.

A espiritualidade mística mantém em tensão insuperável as dimensões corporal e espiritual da nossa humanidade. Por mais que os místicos falem contra o sensível, o palpável, sua luta é contra qualquer representação das coisas visíveis que possa se interpor entre Deus e nossa experiência dele. Ser cristão é habitar o mundo integralmente, encontrar Deus no mundo e no corpo, sem que isto seja, no mais baixo sentido, menos espiritual. Somos espirituais, não temos uma espiritualidade: nossos corpos são tão espirituais quanto nossa razão ou sentimentos.

A contemplação está intrinsecamente ligada com comunidade. Os místicos cristãos curiosamente afirmavam a extrema individualidade e solidão da experiência de Deus e a pertença à comunidade. Não só no sentido piegas de ser membro, mas mais profundamente no sentido de que a Palavra de Deus foi confiada à comunidade e é ela que responde e se responsabiliza pela partilha e guarda da fé. Em segundo lugar, somente quando o místico exprime sua espiritualidade em obras de solidariedade fora dos muros de seu “claustro” ou “reuniões de oração”, a autenticidade de sua visão de Deus se manifesta. Se a espiritualidade nada disser sobre serviço no e ao mundo, ela não passa de egocentrismo, histeria ou farisaísmo. Terceiro, a “comunidade” dos místicos é antes uma esperança que uma vitrine: não só é heterogênea quanto a formas e níveis de relação entre fé e vida, mas não se exime dos conflitos, nem está ao abrigo das manipulações, repressões, autoritarismos. Agora, a comunidade não se pode transformar num instrumento de uniformização, intolerância e agressividade.

Há muitos caminhos de espiritualidade, e o cardápio “oficial” ou publicizado pela mídia no Brasil não tem que ser engolido a contragosto por quem não consegue se identificar com tais “opções”. Deus é muito mais do que cada uma das “espiritualidades” de nosso tempo. Espiritualidade é abertura incondicional ao outro, ao que não podemos controlar, dominar. Mas o “outro” são muitos.

Joanildo A. Burity é cientista político e presbiteriano (IPU).

Vox populi, vox Dei

OU A VOZ DO POVO É DO POVO MESMO E DEUS ESTÁ NO MEIO DELA QUE NEM REDEMOINHO

Paulo Botas

Cantiga de menino gente grande já cantou (Provérbio yorubá).

É preciso suportar algumas larvas se quisermos conhecer as borboletas. Dizem que são tão lindas. (Exupery, Pequeno Príncipe)

Para Mãe Stella, Cléo, Roberval e todas as vozes sábias sustentadas por Ode Kayode.

A voz do povo é a voz de Deus, é a máxima da sabedoria popular para alertar que ouvindo a fala do povo atingimos, profundamente, a palavra de Deus. As religiões se exprimem por parábolas e a *vox populi* encontra eco nos provérbios e sentenças que anunciam e proclamam o juízo do Transcendente. A nossa cultura está repleta dessas máximas reveladoras das situações sociais e políticas, mas, sobretudo, das relações existenciais entre homens e mulheres e o mundo que precisa ser transformado pela prática destes mesmos homens e mulheres. A cultura, muito mais que as expressões artísticas de um povo, é a sua forma de ver, sentir, compreender, exprimir o seu cotidiano feito de sonhos, esperanças e lutas. É por isso que a maneira mais profunda é a proverbial, pois com ela se atinge o ser humano pela poesia que habita em seu coração e se escreve em seu corpo marcado de alegria, dor, prazer, luta e gozo. *Que a tua generosidade atinja todos os viventes, mesmo aos mortos não recuses a tua piedade.*

A sabedoria popular sabe que a acumulação de riquezas é a fonte de todos os males. *Não confies nas riquezas injustas, porque não te servirão para nada no dia da desgraça.* Mas os valores deste mundo são a ganância e a espeteza onde se acredita e se vive como se todas as pessoas fossem corruptíveis e, por isso mesmo, poder-se-ia, pela astúcia, obter riquezas magníficas e encher as casas com os despojos (*pilhados dos inocentes*).

Tudo o que é acumulado muito depressa revela as corrupções realizadas para que o poder de corromper se concentre nas mãos dos que estão convencidos de que tudo é corruptível pois comprável. *Fortuna que começa muito depressa, no final não será abençoada.* A partir dessa concentração de poder, relações pessoais se constroem em mentira e perversidade, pois muitos *bakulam o homem generoso e todos são amigos de quem dá presentes e o ímpio*

aceita um presente (suborno) debaixo do manto para distorcer o direito.

Relações de solidariedade, gratuidade e generosidade são motivos de escárnio e malícia pelos meios homens e meias mulheres, que, mediocres, circulam enfadonhos e macilentes pelos salões dos seus próprios espectros, salões sociais, políticos e eclesiásticos que cheiram a mofo, bolor e conspiração.

Não sejas como um leão em tua casa e um covarde com teus domésticos. Que a tua mão não seja aberta para receber e fechada para retribuir.

Desta maneira vão-se construindo e perpetuando sistemas de opressão, cada vez mais sofisticados e abomináveis aos olhos de Deus: *Seis coisas detesta Javé e sete lhe são abominação: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam o sangue inocente, coração que maquina planos malvados, pés que correm para a maldade, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia discórdia entre irmãos.*

É rica esta sabedoria popular sobre o ultraje nada a rigor que pesa sobre os ombros dos mais humildes. *Oprimir o fraco é ultrajar o seu Criador, pois para o pobre todos os dias são maus.* Mas Javé é imperativo e definitivo na sua sentença de que *quem ri de um infeliz não ficará impune*, pois *o pobre fala suplicando e o rico responde duramente.* Leis iníquas são criadas para *absolver o ímpio e condenar o justo e o salário do justo é a vida, o ganho do ímpio, o pecado.* Mal sabem que *quando um homem morre, herda insetos, feras e vermes.* Como seria importante que nossos deputados e juízes atentassem nos provérbios que clamam e gritam a situação das mulheres e crianças e parassem de atentar contra a honra e a dignidade dos que trabalham e são submetidos a situações de degradação humana para engordar as suas contas e os seus corpos luzidios de acúmulos e desprazer.

Mas a esperança nos fulmina de que um dia tudo será revertido num mundo novo onde será semeada a solidariedade, a gratuidade e a valorização de cada ser humano, pois *oprimir-se um fraco: no final ele sai engrandecido; dá-se ao rico e no final só há empobrecimento.* No entanto, onde está esse porto seguro onde devemos ancorar os nossos corações e sonhos? Simplesmente, no coração dos amigos e amigas pois *um amigo fiel é um poderoso refúgio, o que o*

descobriu, descobriu um tesouro. Um amigo fiel não tem preço, é imponderável o seu valor. Mas que eco isto pode encontrar no nosso mundo atual? Permitam-me, com certo pudor, lembrar Exupery com seu Pequeno Príncipe ao escrever: “os homens estão acostumados a comprar tudo pronto em lojas. Mas como não tem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Para se ter um amigo é preciso saber cativar. E cativar significa criar laços”. Sabedoria milenar a que afirma: *Não abandones um velho amigo, visto que o novo não é igual a ele. Vinho novo, amigo novo; deixa-o envelhecer e o beberás com prazer.*

Na construção histórica deste mundo a solidariedade é fator determinante pois *o justo mostra o caminho ao companheiro.* Somente numa relação de companheirismo esta nova sociedade poderá ser parida, pois nela a gratuidade é quem responde pelos alicerces dos novos amores e das novas gerações na certeza de que *mais vale um prato de verdura com amor, do que um boi cevado com ódio.* Porque é melhor ser humilde com os pobres do que repartir o despojo com os soberbos. Esta solidariedade e gratuidade levarão cada um a afirmar e proclamar para seu irmão e irmã a necessidade imperiosa de auto-estima ao lembrar permanentemente: *Bebe a água da tua cisterna, a água que jorra do teu poço,* e reiterar a misericórdia que devemos ter conosco e com os outros e não sermos, como aprendemos neste sistema demoníaco, juízes e carrascos de nós mesmos. *Não sejas muito severo para contigo, nem te envergonhes de tua queda.* Todo esse processo de construção está vivo feito nas tradições milenares e históricas da humanidade e na arquitetura de uma sabedoria que ultrapassa gerações e gerações e tão bem expressa no provérbio primaz dos nossos irmãos e irmãs da África, berço da Humanidade: “*Cantiga de menino, gente grande já cantou*”.

Nesta travessia, é fundamental e imprescindível contar com a sabedoria grande dos pequenos, pois só ela, farol e guia, nos conduzirá à Terra Prometida tão desejada e tão semeada entre sangue, lágrimas, desterrados mas, sobretudo, com esperança e luta...

No mundo há quatro coisas pequenas mais sábias do que os sábios: as formigas, o povo fraco, que no verão assegura o alimento; os arganazes,

povo sem força, mas que moram nas rochas; os gafanhotos que não têm rei e marcham todos em ordem; e as lagartixas, que se deixam apanhar pela mão, mas entram nos palácios do rei.

Viver cada dia como se fosse o último aprendendo a partir e repartir e afirmado que a cada dia basta mesmo o seu fardo e quinhão. *Feliz o que vive com uma mulher sensata, o que não trabalha como o boi e o burro.*

Mas... é preciso não se acomodar nem se deixar traír, nem ser preguiçoso nesse confronto cotidiano de rompermos nossos dogmatismos e preconceitos. Nesta cegueira travada dos nossos olhos e corpos que nos impede de vermos o outro na sua diferença e originalidade. Como Deus o reconhece e o chama pelo nome. De superarmos nossas malícias e perversidades ao sermos profundamente atingidos pelos gestos de generosidade e gratuidade dos que tentam romper os grilhões dessas instituições todas que corrompem a ternura humana e suas expressões. De envelhecermos sem doçura, agarrados ainda aos pequenos poderes e camuflando nossas traições caladas com elogios auto-referentes como se fôssemos a única medida de todas as coisas. A omissão é a pátria dos fracos e dos covardes, e não temos o direito de fazer da nossa covardia de viver um ato solitário, suicida e de aparente coragem que tão-somente camufla a nossa esterilidade e a nossa impotência de viver em comunhão com os nossos irmãos e irmãs sem reduzi-los a sócios e sócias numa anônima sociedade.

O preguiçoso (acomodado e omissivo) é semelhante a um monte de esterco (merda), todo aquele que os tocar saudará a mão.

Deus esteja!

Paulo Botas, teólogo, coordena o Projeto de Formação Ecumênica de KOINONIA.

As citações em itálico estão na ordem. A tradução: Bíblia de Jerusalém. Os livros: o deuterocanônico Eclesiástico (E) e Provérbios (P).

E 7.33; E 5.8; P 1.11-13; P 20.21; P 19.6; P 17.23; E 4.30-31; P 6.16-19; P 14.31; P 15.15; P 17.5; P 18.23; P 17.15; P 10.16; E 10.11; P 22.16; E 6.14-15; E 9.10; P 12.26; P 15.17; P 16.19; P 5.15; E 4.22; P 30.24-28; E 25.8; E 22.2.

Para a liberdade foi que Cristo nos libertou

CELEBRAÇÃO DO DOMINGO DE PÁSCOA

Sugestões litúrgicas: Altar (Improvisar o símbolo do túmulo vazio com lençóis brancos espalhados pelo chão.)

Invocação

Dirigente: No primeiro dia da semana, estávamos reunidos para repartir o pão (Atos 20.7) e compartilhar com intensidade a nossa vida, neste tempo te procuramos, ó, Deus, para trazer em nossa memória o Dia Novo da Páscoa de Jesus.

Oração

Canto Comunitário

Leitura: Salmo 113.1-6

Confissão

Pastor(a): Em nosso tempo tão ágil, em nossa memória esquecida, vivemos tão longe do próximo e de tua mesa bendita. Muitas vezes desanimados com a violência, a impunidade, a injustiça, as mentiras. Aceita, Senhor, nossa confissão, perdoa nosso pecado e nos limpa de toda maldade.

Oremos silenciosamente

Comunidade: Reconhecemos nossa omissão, “com lágrimas se consumiram os meus olhos, turbada está minha alma, o meu coração se derramou de angústia por causa da calamidade da filha do teu povo; pois desfalecem os meninos e as crianças de peito pelas ruas da cidade.

Mulheres: Dizem às suas mães: Onde há pão e vinho? quando desfalecem como o ferido pelas ruas da cidade, ou quando exalam a alma nos braços de suas mães...

Pastor(a): Que poderei dizer-te?

Mulheres: Os nossos profetas nos anunciaram visões falsas e absurdas e não manifestaram a nossa maldade, nos anunciaram visões de sentenças falsas que nos levaram ao cativeiro...

(Neste momento entram os juvenis ou jovens com os símbolos da ressurreição: cruz vazia, coroa de espinhos e a borboleta em cartolina.)

Perdão (Juvenis ou jovens entram na igreja gritando:)

LEVANTA-TE! NÃO CHORES!

JESUS PERDOOU OS NOSSOS PECADOS.

“QUEREMOS TRAZER À MEMÓRIA O QUE NOS PODE DAR ESPERANÇA!” (Lamentações 3.21) (Esta frase pode ser colocada no altar)

(Testemunhos de três ou mais pessoas da comunidade contando algo que possa dinamizar a vida da Comunidade e dar esperança.)

Canto Comunitário: Aleluia!

“Ora o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade” (2 Crônicas 3.17)

É tempo de louvar... (sugestões: Cânticos que falem da ressurreição e da certeza da liberdade e animem nossa vida.)

Credo (Cada comunidade pode escolher que credo deseja usar)

Ofertório (Este é um momento muito especial de cada comunidade, podem-se usar os símbolos, algumas pessoas podem ofertar suas vidas, seu trabalho, etc)

Mensagem: Lucas 24.1-12 e 4.18-19.

Canto comunitário

Eucaristia

No primeiro momento entram várias pessoas trazendo o Pão e enquanto vai sendo distribuído, em primeiro lugar às crianças, o pastor (a) vai falando do significado deste elemento para nossa vida e recuperação da dignidade de todas as pessoas.

No segundo momento entra o Vinho, enquanto vai sendo distribuído, em primeiro lugar às crianças, o pastor(a) vai falando do significado e importância que a celebração tem para nossa vida.

(Outros elementos que lembram a Páscoa judaica podem ser inseridos neste momento, a exemplo de Êxodo 12.1ss, pães sem fermento (ázimos), “ervas amargas” e “água salgada”. Estes servem pedagogicamente para lembrar a transmissão dos sofrimentos enfrentados no Egito. E os elementos da intervenção libertadora de Deus na nossa realidade desumana, que são frutas doces.)

Pai Nosso

Intercessão: (De interesse da comunidade)

Envio: Ó Deus da liberdade, tu és a fonte da vida, ajuda-nos a construir os caminhos da justiça e da solidariedade para vivermos a perfeita liberdade tendo sempre na memória o Cristo Ressuscitado, que nos dá a paz e é nosso companheiro.

Canto: Hinário Evangélico nº 88

Bênção

Revda. Giselma A. Pereira
Helayne Costa

